



Director literario:

*Augusto Papim*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Malta*  
PAPUSSE

## QUIM-QUIM GULOSÃO

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de EDUARDO MALTA



Fez anos, — dois anos só! —  
o Quim-Quim, segunda-feira,  
e foi a prenda da Avó  
uma libra verdadeira.



O Quim-Quim que é gulosinho,  
vendo-a assim tão amarela,  
começa, com seu dedinho,  
a arranhar em cima déla...



— «O seu grande gulosão!...»  
(murmura a Avó, com prazer...)  
«não é chocolate. não!...  
É uma libra a valer!»



Mas o Quim, em voz maguada,  
responde, num triste som;  
— «Ora!... Não presta pra nada!...  
De chocolate é que é bom!...»



# UMA INTRIGA NA CÔRTE

## NOVELA INFANTIL

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

Continuação do numero anterior

— Forçoso vos será então o deixardes morrer o duque, atormentada ainda pelo remorso de o não terdes querido salvar.

— Mas tu não sabes, feiticeiro, que eu amo Carlos de Morin?

— Por isso mesmo, deveis salvá-lo.

— Mas se eu só com ele casarei!

Isso é impossível. Das duas uma: ou casais comigo e eu salvarei o duque de Morin, ou casareis com o duque e ele morrerá logo, após o casamento.

— Meu Deus! Que mal fiz eu para assim tão duramente ser castigada?

O olhar de «Mata-a-Morte» tornou-se severo, e o seu rosto tomou um aspecto soléne. Ia abrir a boca, para responder à exclamação angustiosa da princesa, mas conteve-se, e tomou de novo o aspecto indiferente e desdenhoso que até aí conservara.

— Florinda: o vosso ex-noivo viverá ainda três dias, dolorosamente, horrorosamente, mas viverá. Fintos esses três dias a sua morte será um facto, a menos que a querais evitar. Tendes, consequentemente, 72 horas para pensar, para resolver, e certo estou de que haveis de conformar-vos com o meu desejo.

— Nunca! — exclamou arrebatadamente a princesa.

«Vai-te feiticeiro maldito. Carlos morrerá, embora, morrerá; morrerá feliz, porque ser-lhe-hei fiel até á hora, da minha morte.

«Mata-a-Morte» nada respondeu. Fitou compassivamente Florinda, voltou-lhe as costas e saiu. Brincava-lhe nos lábios um sorriso de ironia.

Para que descrever os tormentos, as aflições da linda princezinha durante os três dias que se seguiram ao que atrás deixámos dito? Eles passaram-se no meio duma ansiedade permanente e duma hesitação constante.

! Quantas vezes, após uma enorme crise de lágrimas, ela ordenava a um qualquer criado que montasse no mais veloz cavallo que nas reais cavalações houvesse e que fosse imediatamente chamar o feiticeiro! Nessas ocasiões conformava-se, resolvia sujeitar-se às imposições de «Mata-a-Morte». Mas, ali, mal o criado saía do palácio, logo ela mandava outro levar ao primeiro a ordem imperiosa de voltar imediatamente para trás.

Emfim, esses três dias, durante os quais a princesinha teve mais de mil e uma ocasiões de bem amargamente se arrependar do seu terrível defeito, passaram-se.

No dia marcado pelo feiticeiro como último da vida de Carlos, este pediu que fôsem, o mais depressa possível, chamar a sua noiva, que naquele momento se encontrava, debulhada em lágrimas aos pés de uma imagem do Cristo crucificado, no seu oratório.

Assim fizeram, e, pouco depois, a princezinha aparecia, tentando pelo caminho, fazer desaparecer do rosto os vestígios do seu desespero.

Pediu o duque que o soerguessem um pouco, e, depois, que lhe chamassem também o bondoso «Barbas-de-Neve», que se não fez esperar muito.

Agarrou, então, uma mão do soberano e outra de Florinda, que estreitou meigamente na sua, e, lentamente, com uma voz em que se adinhava já a obra nefasta da Morte, exclamou:

— Pedi que vos chamassem porque sinto bem que pouco poderei resistir. Estou certo de que, dentro de uma ou duas horas terão finalmente termo os sofrimentos que nestes três dias hei passado. Dêste mundo, onde tão feliz fui, apenas duas saúdaes levo: a vossa, meu rei e senhor, que haveis sido sempre para mim tanto ou mais do que meu pai, e a tua Florinda, que foste desde a nossa infância, como que o anjo bom, a quem eu devo todas as alegrias, todas as venturas que na minha curta vida hei tido. Foste, decerto, designada por Deus para me fazer esquecer, na terra, a dor que me causou a perda de meu pai e de minha mãe. Há anos já que alimentava, no fundo do meu coração, a esperança de vir um dia a desposar-te.

«Deus, claramente nos demonstrou que o não queria, e forçoso nos é o conformarmo-nos com os seus soberanos designios.

A princezinha, que durante todo este tempo fazia esforços inauditos para sustar as lágrimas, não pôde por mais tempo resistir e caiu de joelhos, chorando copiosamente, cobrindo de beijos a magra e amarela mão de seu noivo. O próprio «Barbas-de-Neve», cuja firmeza de caracter tanta ocasião havia tido de se demonstrar, difficilmente resistia à comoção que sentia invadi-lo, e duas lágrimas lhe brilharam nos olhos que há tantos anos se haviam habituado a ver ceder tudo e todos á sua imperiosa vontade.

O duque do Morin sorriu-se tristemente, e preparava-se para continuar, quando um estranho espectáculo e fez conter-se: a porta da sua câmara abriu-se lentamente, dando entrada a um homem a quem o peso dos anos e da sciência haviam feito curvar o magro corpo.

Era «Mata-a-Morte».

Ao vê-lo, os médicos e os cortejões que assistiam, comovidos, às despedidas do duque, não puderam conter um gesto de impaciência; o rei fitou-o com espanto, atento e

demoradamente; Carlos não o conhecia, nunca ouvira falar d'ê, e foi estupefacto que viu a princezinha levantar-se, correr para ê, dizer-lhe ao ouvido algumas palavras e cair-lhe nos braços, sem sentidos.

— Salva-o! Aceito tudo! Tudo o que quizeres, mas salva-o! — exclamara a princesa ao cair desmaiada nos braços do feiticeiro, — este assim fizera, e de tal fórma que, após oito dias, o duque Carlos de Morin oferecia a toda a nobreza da capital uma festa, solenizando a sua quasi milagrosa cura, e durante a qual êle tencionava apresentar oficialmente a sua noiva. Sim, porque o duque ignorava ainda o preço por que comprara o seu retóro à vida.

Chegara, pois, o momento de tudo se contar. Encarregou-se disso «Mata-a-Morte», que não teve pouco trabalho em suportar a cólera e o desespero do duque, ao saber a infausta nova.

O seu primeiro pensamento foi puxar da espada e furar com ella a quem devia a vida. Soube, porém, conter-se

— Carlos... e a princesa levantou-se, radiante de felicidade, com um sorriso celestial a brincar-lhe nos lábios. Tivera, decerto, alguma idéa salvadora, e o duque, ao vê-la assim tão tranqüilla, tão serena, achou-a mais bela do que nunca, e caiu de joelhos a seus pés. Ella então levantou-o, como êle pouco antes lhe fizera, e exclamou:

— Carlos! E' certo que, como disseste, preferirias a morte comigo à vida sem mim?

— Sim! juro-te que é!

— Pois bem! — e a sua voz, ao dizer isto, tomava inflexões de arrebatadora alegria. — Matêmo-nos! Queres?!

— Obrigado, meu Deus! Obrigado Florinda, pois adivinhaste o meu desejo, que eu não ousava formular! Sim, sim! «Matêmo-nos»!

E os dois jôvens, alvoroçadamente, levantaram-se, e, tomando todas as cautelas para não serem vistos, dirigiram-se à alcova do duque, onde êste possuia um violento veneno, que matava instantaneamente.

O ocas parecia protegê-los, pois ninguém os vira. Chegaram à câmara de Carlos, entraram, e o duque dirigiu-se



e limitou-se a procurar obter do feiticeiro a promessa de que desistiria do casamento.

Não o fez porém «Mata-a-Morte».

— Duque! É inútil a resistência: estou firmemente resolvido a casar com a princesa, visto que é esse o preço da vossa cura.

— Mas, então, para que me curaste? Para que quero eu a vida se terei de a passar sozinho? De que me serve a saúde do corpo que me deste, se, por outro lado, me tiras a da alma? — Ignoro, senhor. Fazei o que quizerdes, mas a princesa Florinda será minha esposa!

— Oh! Maldito feiticeiro! Que será o que me contém que te não atravesso lado a lado com a minha espada?!

E furioso, com o desespero no coração e uma visão sanguínea nos olhos, Carlos de Morin afastou-se e foi procurar a sua ex-noiva.

Esta, ao vê-lo naquele estado, simultaneamente desesperado e furioso, compreendeu logo que o duque sabia já tudo, e caiu, soluçando, a seus pés.

Carlos levantou-a meigamente e sentou-a num vasto sofá; sentou-se depois ao lado dela, fitando-a longamente, mudo e triste; por fim resolveu-se a falar, e, pegando-lhe numa das mãos, que apertou com ternura, começou:

— Florinda! É então verdade? É verdade que trocaste a minha felicidade pela minha saúde? É verdade que consentiste em aceitar a mão daquele velho, para que eu não morresse? Mas para quê? Para que fizeste isso? Oh Florinda? Se eu morresse, teria acabado com o meu sofrimento corporal, e teria, lá no céu, a consolação de ver-te seres-me fiel até à hora da tua morte! Porque tu sê-lo-ias, não é verdade?

— Oh! Carlos! Meu Carlos! Juro-to!

— Como eu seria feliz, Florinda, se me tivesses deixado morrer! Sim, porque eu preferiria a morte contigo à vida sem ti!

imediatamente a uma mesa, repleta de medicamentos. Entre êstes havia um frasco contendo um líquido levemente azulado.

Pegar em dois copos que encheu de água, deitar cinco gotas do tal liquido em cada copo e estender depois um à princesa, foi para Carlos de Morin obra de alguns momentos.

Enlaçaram-se.

O duque depôs, castamente, um beijo na fronte ardente da sua ex-noiva, e preparou-se, bem como ella, para beber dum trago o liquido fatal.

Despediram-se, por pensamento, da vida de que não levavam saúdades, trocaram um último olhar em que se lia todo o amor que mutuamente se dedicavam e já erguiam o braço quando...

— Suspendei! Suspendei, jôvens insensatos, que vos não sentis com forças para arrostar a vossa desgraça ou para reconquistar a felicidade que tão levemente perdestes! Suspendei, loucos, que tão impensadamente correis para a morte! Suspendei, crianças, suspendei o vosso gesto, duplamente assassino, e meditai um pouco.

Tu, duque de Morin, procura, vê bem se o teu espirito culto e a tua razão esclarecida te não indicam nenhum meio diferente da morte, para te desembaraçares da infelicidade que ora te atinge, e tu, nobre e encantadora princesa que pensastes na morte com o mesmo entusiasmo com que há mezes acolhias a notícia duma festa, pensa bem um pouco, e vê como esse teu desespero se poderia ter evitado, se não tivesses arranjado levemente, entre dois homens igualmente nobres, igualmente valentes e igualmente apaixonados, uma baixa e traiçoeira intriga! Vá jôvens insensatos e cobardes! Regressai à vida, de que tão inconscientemente fugis, à vida que conserva ainda para vós, jôvens e fortes, milhares de atractivos, e aprendei de hoje para o futuro, tu, Carlos de Morin, a não te deixares abater tão facilmente por qualquer obstáculo que na tua vida apareça, e tu, Flo-

# HISTORIA

de cinco reis por GRA-  
CJETTE BRANCO

Desenhos de EDUARDO MALTA



RA uma vez o bôlso do sobretudo dum senhorriçaço. No fundo dêle, esquecida, perdida, desgraçada, abandonada, estava uma moeda de Cinco-Reis, muito pequenita, muito negrita, muito franzinita, muito insignificantezita.

Vivia na escuridão dum triste fôrro de setineta preta, entre abandono e cotão.

Ora, numa certa tarde, triste e feia, em que o nosso amigo Cinco-Reis dormia uma soneca, de perna traçada sôbre a dura costura de setineta preta, viu a mão enluvada e perfumada do senhor ricaço abrir o bôlso e lançar nêle, descuidosamente, uma elegante nota de Mil-Escudos.

O nosso amigo Cinco-Reis ergueu-se rapidamente e, com a mais gentil das cortezias, cumprimentou:

— Bemvindo seja V. Ex.<sup>a</sup> a esta casa! Queira sentar-se, ilustríssimo senhor, — e indicou-lhe, amávelmente, o mais fôfo recanto da costura do bôlso.

Porém, ao contrário do que Cinco-Reis imaginara, o senhor Mil-Escudos, sobranceiramente, arrogantemente, respondeu-lhe, do alto das suas cifras:

— O' garoto imbecil que ousas erguer a vista para mim! Reduz-te à tua insignificância se não queres obrigar-me a impôr-te a minha auctoridade. O estúpido senhor, meu dono, é quem tem a culpa desta forçada convivência! O meu lugar não é num bôlso de sobretudo mas sim no Palácio-Carteira, onde sempre tenho habitado. No entanto, o facto de vivermos em comum, não significa que tenhamos que apertar relações. Tu representas a plebe, eu a aristocracia. Nada, pois, pode haver entre nós.

Nosso amigo Cinco-Reis piscou os olhos, gaiatamente, pigarreou, murmurando consigo:

— Ah sim?! Ele é isso?!... Pois deixa estar que eu te arranjo! —

E, sem mais consideração pelo arrogante Mil-Escudos, repoltreou-se, cómodamente, sôbre o fôfo recanto da setineta preta, cantarolando descuidadamente...



— Imbecil! — exclamou, de súbito, vermelho de cólera, Mil-Escudos.

Infima criatura que ousas despreitar a minha soberana presença!

Cinco-Reis, de sorriso gaiato, exclamou, não mudando, sequer, de posição:

— Excelência! Se não vos sentis bem, retirai-vos!...

E, em cómica mesura, aconchegou-se melhor no improvisado «maple».

Mil-Escudos, trémulo e colérico, passeava nervosamente na escuridão do bôlso, bradando aos Céus:

— Meu Deus! Para que triste Destino me criaste! Eu, o mais alto senhor do Palácio-Carteira, misturado, torpemente, com o mais infimo servo da minha escolta, o imbecil gaiato, há muito escorçado até pelas mãos mais humildes!

— Pois sim... canta!... Mas matei muita fome e muitos olhos choraram de Alegria, ao ver-me...

— Mas hoje, quem te quiere réles fedelho?! Quem se lembra de ti?!...

— Deixa lá... Pode ser que ainda volte o meu reinado...

— Farrapo inútil, abandonado ao canto da gaveta!...

— Símbolo da Alminha Portuguesa!... Pequeninina... mas de antes quebrar que torcer... E tu, pedaço de papel que o mais leve sópro leva e o menor gesto rasga...

Em dois minutos és trocado em miúdos e depois... adeus fidalguia...

Mil-Escudos bufava de cólera, quando, de repente num brusco repelão, uma scêna formidável se passou:

— Uma grossa mão entrou, de chôfre, no fundo escuro do bôlso, arrebatando, nervosamente, o senhor Mil-Escudos!

Mil-Escudos rugia de furôr ao perceber o intuito da traiçoeira mão, mas, sendo completamente vencido, não opôz a mínima resistência!

Porém, no atabalhoamento do roubo, o ladrão levou entalado entre os dedos, o pequenino Cinco-Reis...

Tinha já a ratoneira mão saído rápidamente,

do bôlso, quando, de súbito, Cinco-Reis, escorregando da leve pressão dos dedos, fez, tilintantemente, caindo sôbre as pedras da calçada:

— Tim-trim-trim-tim-tim-im-im...

Então, bruscamente, o senhor doho do sobretudo, ouvindo o cantante tilintar, volta-se, de chôfre, conseguindo deitar a mão ao atrevido gatuno, que, dentro em poucos minutos, caminhava para a prisão, sôb a vigilância dum polícia.

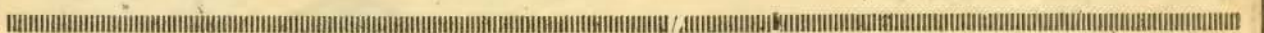
O senhor dono do sobretudo, baixa-se comovidamente, apanhando os Cinco-Reis — que eram uma recordação saúdosa — e metendo-os, na carteira, lado a lado com senhor Mil-Escudos.

E senhor Mil-Escudos, num dos suntuosos salões do Palácio-Carteira, com uma lágrima trémula a brilhar-lhe nos olhos, estende amigavelmente a mão a Cinco-Reis dizendo-lhe com grande emoção:

— Cinco-Reis! Devo-te a Vida! Não fôras tu e, a esta hora, eu estaria esfacelado no miserável bôlso dum bandido! E's pequenino mas tens a Alma grande!

Obrigado, Cinco-Reis! E Cinco-Reis, piscando gaiatamente os olhos, respondeu em voz baixinha:

— Não há de quê, Mil-Escudos!



Meus  
meninos:  
Vejam  
se  
descobrem  
a  
cara  
da  
amazona

ADI  
VI  
NHA

rinda, a não desceres mais até à intriga, indigna dos teus lábios sedutores e que, como viste, t'ho funestos resultados tem.

Um duplo grito de assombro acolheu estas palavras, e os olhos dos dois suicidas fixaram-se com espanto na porta da alcova, que se entreabira um pouco para dar passagem ao venerando sábio, que o povo, na sua ingenuidade, alcunhara de «Mata-a-Morte».

— Tu! exclamou o duque levando a crispada mão aos copos da espada.

— Sim, eu! Eu próprio, que vos venho arrancar à morte para a qual vos julgais atraídos.

— Mas para quê? — perguntou a princezinha a quem as anteriores palavras do feiticeiro haviam arrancado abundantes lágrimas.

— Sim, para quê? pois se a vida nada tem que nos atraia!

— Nada, nobre princesa? Não facilmente esqueceis o bondoso «Barbas-de-Neve», para quem a vossa morte seria um curdelíssimo golpe? E o amor? Porque falas n'ele, se és tu o seu maior obstáculo?

— Enganas-te, princesa, e como, tenho a certeza, o duque pensa como tu, declaro-vos: — «Enganam-se! Enganam-se, ambos!»

E, avançando para os dois jovens, enormemente espantados, arrancou-lhes das mãos os dois copos fatais, que arremecou, num gesto sacudido, ao chão; pegou em seguida numa das mãos do duque de Morin, enlaçou-a noutra da princezinha e afastou-se um pouco, contemplando o gracioso par com o sorriso bom e feliz daquele a quem a consciência diz que acaba de praticar uma boa acção.

— Feiticeiro! — exclamou o duque, sem querer acreditar no que via — Que queres isto dizer?

— O que queres dizer? Oh! Pouca coisa! Queres dizer que me associo de todo o coração ao vosso consórcio, ao qual só aparentemente me opuz. Espanta-vos isto, não é verdade? Pois bem, com meia dúzia de palavras vos explicarei tudo: sabeis, duque de Morin, por que motivo nos desafiou o príncipe Diógo para o duelo que tão fatal vos ia sendo?

Vendo o gesto negativo do duque, «Mata-a-Morte» contou rapidamente tudo o que se havia passado, o que ele soubera pela boca da própria Florinda.

Esta, que sentia ruborizarem-se-lhe as faces, de vergonha, caiu chorando nos braços do seu noivo, pedindo-lhe perdão pelo seu único e terrível defeito.

Quando o feiticeiro acabou, Carlos de Morin estreitou contra o seu peito, a encantadora Florinda, e, beijando-lhe os sedosos cabelos, exclamou:

— Pronto, minha linda princezinha. Por Deus te juro que te perdoo. Assim o príncipe Diógo te perdõe também. E voltando-se para o «Mata-a-Morte»:

— Mas isso não nos explica...

— Ah! Bem! O resto é fácil de compreender: tomei a meu cargo o emendar vossa noiva do seu péssimo defeito, e, para isso, nada melhor do que fazê-la arrepender-se, o mais amargamente possível, da última intriga que arranjava.

Como viste, consegui-o completamente, e agora, que se é certo que sabe que as causas dessa amargura eram mais fícticias do que reais, também não ignora que elas podiam bem ser completamente reais e nada fícticias certo estou de

que os lábios de vossa noiva, jamais voltarão a manchar-se com a mais pequena e inofensiva intriga.

«Haveis compreendido? Perdoais agora ao velho «Mata-a-Morte» os momentos de angústia que ele vos fez passar?

Como única resposta, o nobre duque Carlos de Morin e a formosa princesa Florinda caíram de joelhos ante o velho sábio «Mata-a-Morte», cobrindo-lhe de lágrimas que, desta vez, apenas exprimiam a felicidade de que os seus corações estavam repletos.

Quinze dias depois, numa das mais majestosas e imponentes igrejas da capital da Elgária, realizava-se, enfim, com extraordinária pompa, o casamento do duque Carlos com a princesa Florinda, por entre as bênçãos do povo bom e feliz, e servindo de padrinhos, pela noiva, o velho «Mata-a-Morte», e pelo noivo, o príncipe Diógo que, sabedor já de tudo, prontamente perdoou à linda princezinha, indo em seguida pedir também ao duque que lhe perdoasse a estocada que lhe havia dado, visto ela não ter sido merecida, perdão este que o duque imediatamente concedeu, estreitando nos braços o seu antigo rival.

Após este casamento, que veio trazer à Elgária a felicidade que havia tanto tempo lhe faltava, o príncipe Diógo, que amava ainda loucamente aquela que não desposara devido à magnanimidade do seu coração, regressou à sua pátria, onde o chamavam as saudades que sentia pelo rei, seu pai, e procurando em seguida, no isolamento, o olvido da sua infeliz paixão.

Quando, passados alguns anos, morreu na Elgária o velho e sempre bondoso «Barbas-de-Neve», subiu ao trono o duque Carlos de Morin, que foi bem o digno continuador do pai da sua linda e terna esposa, que, como o sábio «Mata-a-Morte» predissera, não mais manchou os seus rosados lábios com uma única intriga, pois bem amargamente se arrependera da última...

...E, oxalá, este conto sirva de lição a todas as Princesas Florindas que há por esse mundo...

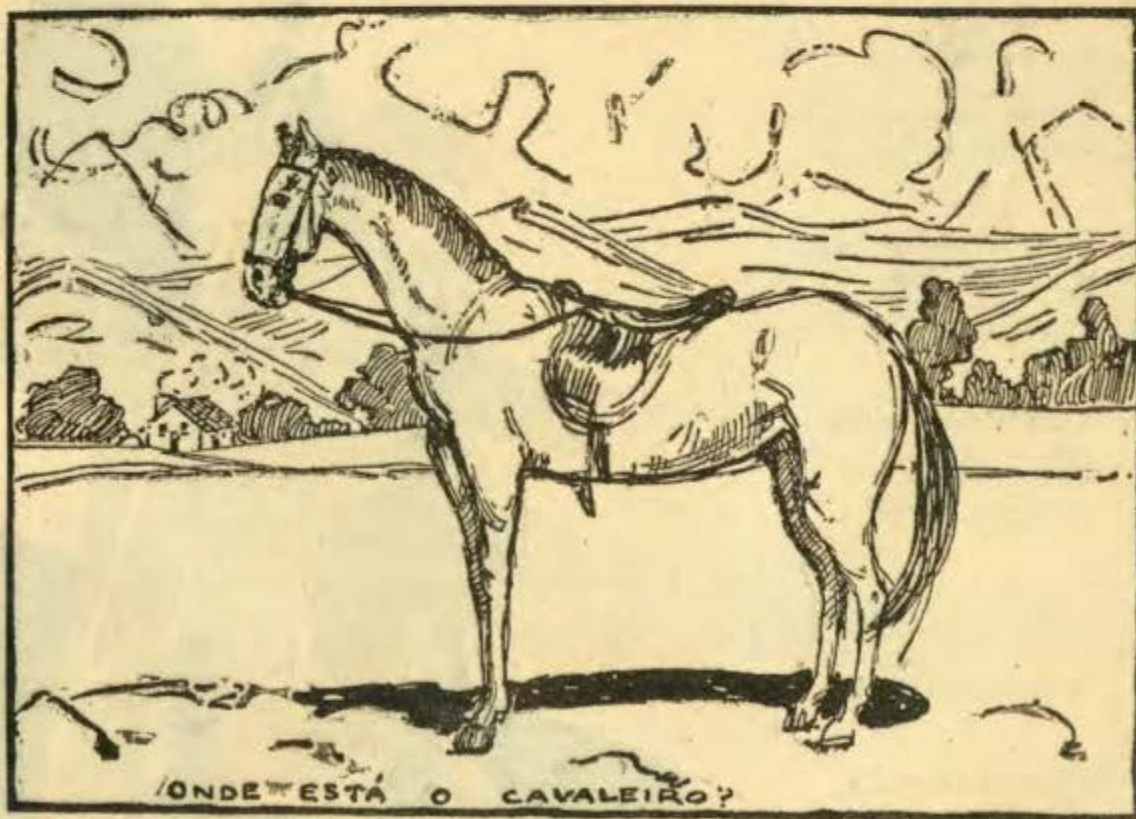
FIM



PARA OS MENINOS COLORIREM



A DIVINHA



Meus meninos, vejam se descobrem onde está o cavaleiro.

# OS POBREZINHOS

Por GRACIETTE BRANCO  
Desenhos de EDUARDO MALTA

— «Trús-Trús!...  
Dai uma esmolinha  
pelo bom Jesus!...»  
.. .. .

Pobres dos mendigos,  
nestas noites frias,  
só achando abrigos  
nas Avé-Marias!

E nos Padre-Nossos,  
nos Santificado!...  
Vêlhinhos e moços!  
— Deus seja louvado!

Rotinhas, cansadas,  
criancinhas, vêm,  
muito aconchegadas  
à saia da Mãe.

Rostos descorados,  
alminhas sem lua,  
pèzinhos maguados  
nas pedras dá rua!

Por cada passada  
que, na rua, dão,  
sinto uma picada  
no meu coração!

Mas a minha Alminha  
toda se consola,  
se, da janelinha,  
cai alguma esmola!

O peito se oprime,  
chora o coração,  
no geito sublime  
de estender a mão!

Almas de amarguras  
só tendo um sorrir  
para as criaturas  
a quem vão pedir!

Almas que floriram  
sempre rente ao chão!  
Bocas que se abriram  
para pedir Pão!

Que mal começaram  
a *tatibitar*...  
só as ensinaram  
logo a mendigar!

Primeira *gracinha*  
sai dos lábios seus:  
— «Dai uma esmolinha  
pelo Amôr de Deus!»

■ FIM ■

